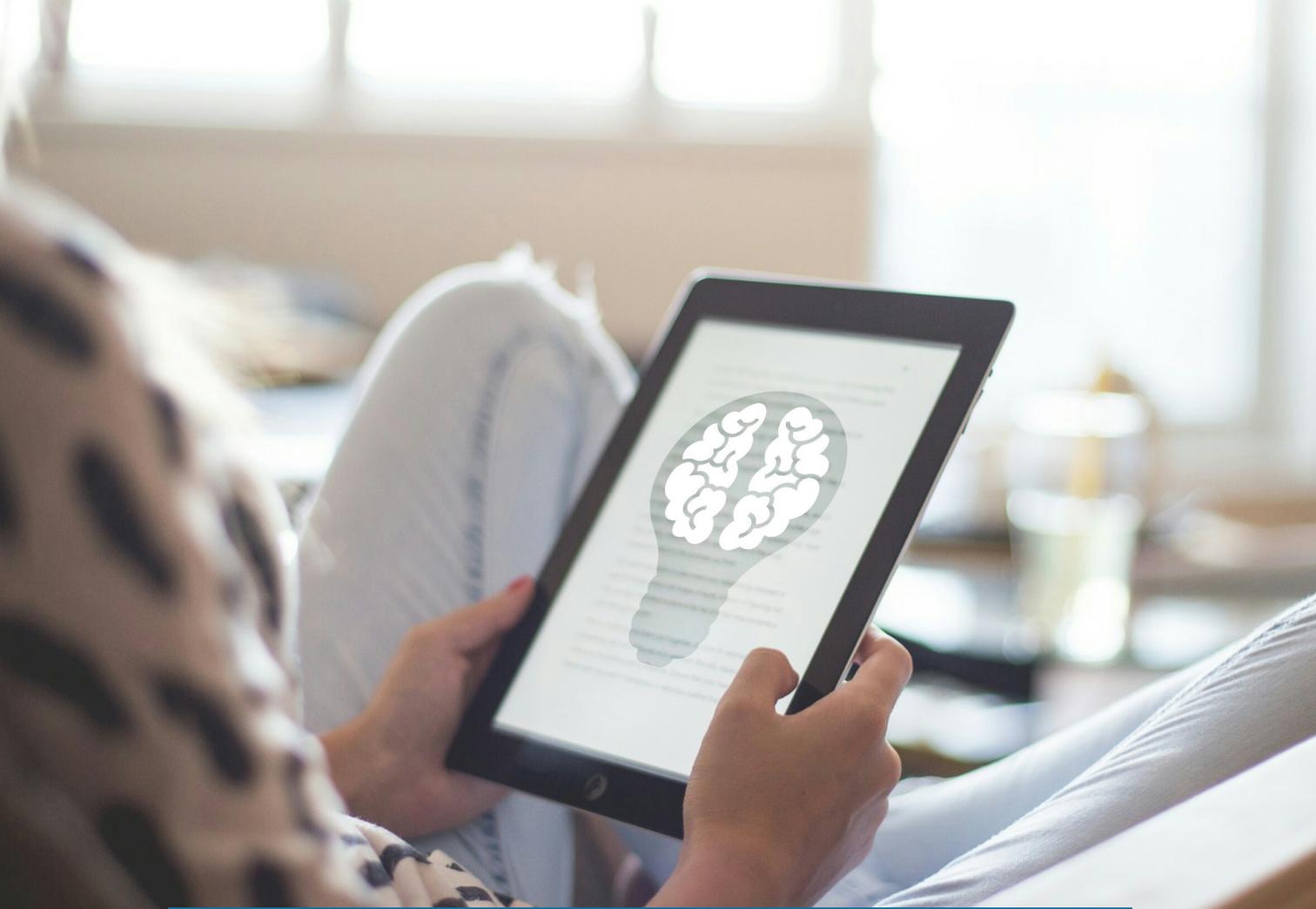


BOLETIM 02.21

www.sbnpbrasil.com.br

Implementação de Teleneuropsicologia na prática clínica e de pesquisa



Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp)

Presidente

Rochele Paz Fonseca

Vice-presidente

Annelise Júlio-Costa

Tesoureira Geral

Andressa Moreira Antunes

Tesoureira Executiva

Beatriz Bittencourt Ganjo

Secretária Geral

Caroline de Oliveira Cardoso

Secretário Executivo

Victor Polignano

Conselho delibetativo

Deborah Amaral de Azambuja

Márcia Lorena Fagundes Chaves

Nicole Zimmermann

Rodrigo Grassi-Oliveira

Conselho Fiscal

Laiss Bertola

Maicon Albuquerque

Natália Martins Dias

SBNp Jovem

Presidente

Maila Rossato Holz

Vice-presidente

Giulia Moreira Paiva

Secretária Geral

Patrícia Ferreira

Membros da SBNp Jovem

Ana Carolina R.B.G. Rodrigues

Ana Paula Cervi Colling

Andressa Hermes-Pereira

Andreza Lopes

Elissandra Serena de Abreu

Érika Pelegrino

Luana Teixeira

Luciano da Silva Amorim

Lycia Machado

Monique Pontes

Roniolo Ribeiro

Expediente

Editora

Andressa Hermes-Pereira

Editora Assistente

Ana Paula Cervi Colling

Projeto gráfico e editoração

Luciano da Silva Amorim

Editada em: fevereiro de 2021

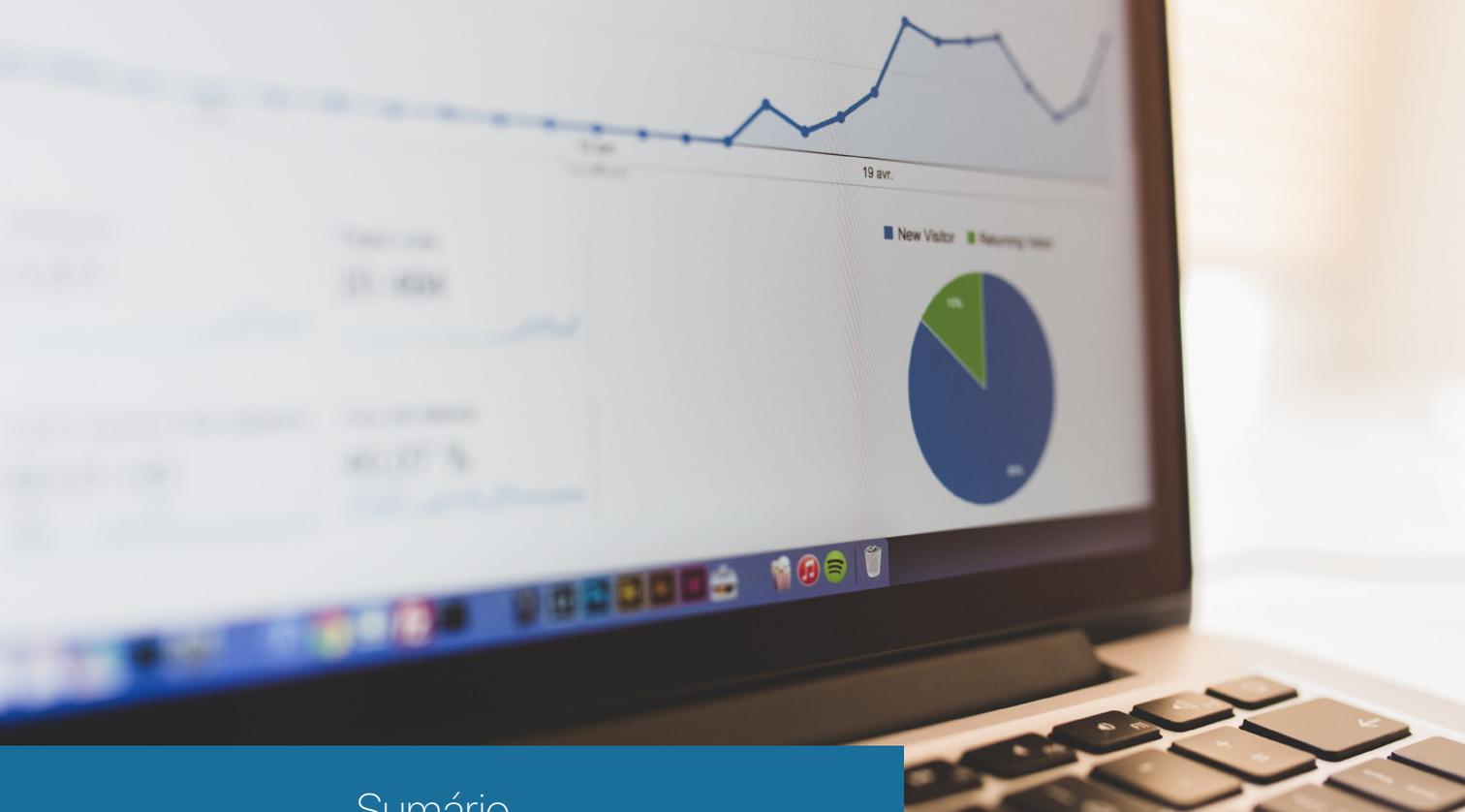
Última edição: janeiro de 2021

Publicada em: fevereiro de 2021



Sociedade Brasileira de Neuropsicologia

Sede em: Avenida São Galter, 1.064 - Alto dos Pinheiros
CEP: 05455-000 - São Paulo - SP
sbnp@sbnpbrasil.com.br
www.sbnpbrasil.com.br



Sumário

- 05** **REVISÃO HISTÓRICA**
Uma breve revisão histórica sobre a TeleNeuropsicologia (TeleNP)
- 10** **REVISÃO ATUAL**
Teleneuropsicologia e COVID-19
- 14** **RELATO DE EXPERIÊNCIA**
Um modelo de teleatendimento em grupo e os desafios da avaliação clínica
- 21** **ENTREVISTA**
Avanços da neuropsicologia digital na saúde pública

REVISÃO HISTÓRICA

Uma breve revisão histórica sobre a TeleNeuropsicologia (TeleNP)

Bruna Evaristo Scheffer e Ana Paula Cervi Colling

Provavelmente você já ouviu falar sobre o termo “telessaúde” ou “telemedicina”, visto que houve um crescimento exponencial de estudos acerca desta temática, principalmente na última década. O termo “tele” está relacionado ao uso de tecnologias e serviços remotos por meio de videoconferência (Munro Cullum, Hynan, Grosch, Parikh, & Weiner, 2014). Pesquisas em diferentes áreas da saúde, por exemplo, Psiquiatria e Psicologia, demonstram que o uso de tecnologias e serviços oferecidos remotamente na área da saúde têm apresentado bons desfechos (Hilty, Nesbitt, Kunne, Crus, & Hales, 2007; Myers & Turvey, 2012; Shore, 2013), com boa aceitação entre os pacientes e resultados positivos quanto à adequação dos métodos utilizados.

Neste contexto, surge a TeleNeuropsicologia (TeleNP). De um modo geral, refere-se à realização da avaliação neuropsicológica, como a administração de testes e instrumentos, remotamente. Geralmente são utilizadas as tecnologias de videoconferência, como na Telemedicina e Telessaúde (Smith, 2017). Grosch e colaboradores (2011) e Adjorlolo (2015) sugerem que a TeleNP surge como uma possibilidade de avaliação para aqueles indivíduos que residem em áreas mais remotas, ou que possuam alguma condição de saúde a qual impossibilita o seu deslocamento.

Assim, visando auxiliar clínicos na prática da TeleNP, Grosch e colaboradores (2011) publicaram diretrizes sobre as medidas a serem seguidas por profissionais ao realizarem TeleNP. Anos depois, foram incorpora-

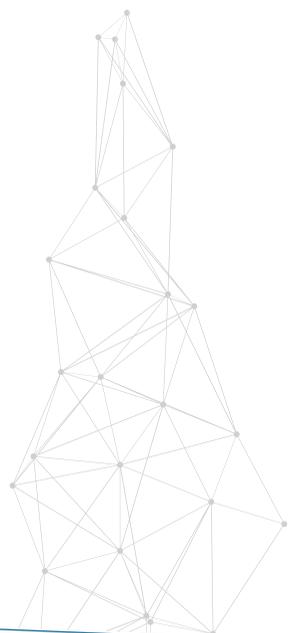
das pela Associação Americana de Psicologia (APA, 2013). As diretrizes de 2011 (Grosch et al.) e 2013 (APA), transcorrem sobre os problemas quanto à obtenção de consentimento do paciente, sendo este realizado de modo remoto. Além disso, abordam sobre os métodos necessários para que a privacidade e confidencialidade possa ser seguida, prestando o atendimento com a mesma ética e eficiência, porém na modalidade online.

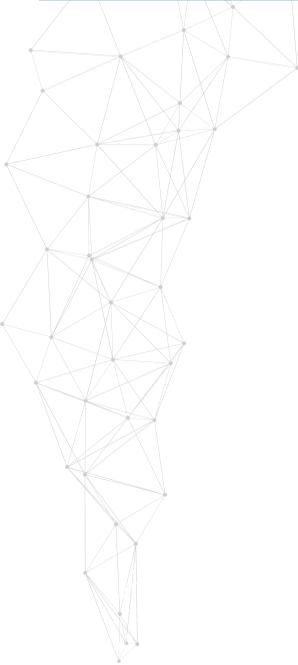
Outros estudos apontam que muitos pacientes, principalmente idosos, podem ter acesso mais limitado ou pouco familiar com meios tecnológicos, como também há pouca possibilidade de observação comportamental devido aos ângulos das câmeras utilizadas pelos pacientes (Barton et al., 2011; Harrell et al., 2014; Parikh et al., 2013). Assim, as avaliações TNP em casa ocorreriam em um ambiente não controlado, onde pode haver mais interrupções e não há controle sobre o material de teste criado pelo paciente, levantando questões quanto à segurança do teste. Além disso, existe a preocupação de que dados normativos, derivados de procedimentos de teste padronizados, possam não ser apropriados para avaliações de TNP (Brearly et al., 2017).

Para mais, estudos referem que ainda há outra questão a ser considerada: a falta de instrumentos e medidas validadas para a aplicação por videoconferência (Grosch et al., 2011). Neste cenário, em relação à validade dos instrumentos, alguns estudos internacionais apontam pequenas diferenças no desempenho em tarefas presenciais ou por TeleNP (Cullum et al., 2006; Grosch et al., 2015; Wadsworth et al., 2016, 2018).

No estudo de Brearly e colegas (2017), os autores buscaram revisar, através de uma meta-análise de 12 estudos publicados entre 1997 e 2016 realizados com pacientes adultos, encontraram que o tamanho do efeito geral que distingue o desempenho do TNP do FTF foi pequeno e não significativo, em todas as 79 pontuações dos estudos incluídos, 26 pontuações médias foram maiores para a condição de videoconferência, 48 pontuações médias foram maiores para a condição FTF, e cinco pontuações médias foram exatamente as mesmas em ambas as condições. O estudo de Marra e colaboradores (2020), menciona que a meta-análise conduzida por Brearly e colegas (2017) foi um primeiro passo crítico para demonstrar a validade relativa e a utilidade do TNP.

Em relação à prática da TeleNP na infância, Loman e colaboradores (2020) referem que a área é como um “bebê recém-nascido na litera-





tura.”, ou seja, utilizam uma metáfora para salientar como a área ainda encontra-se em construção e desenvolvimento, sendo necessária a realização de estudos que demonstrem a equivalência ou superioridade e efetividade desta modalidade. Scheffer e Fonseca (em preparação) mencionam que em março de 2020 existiam somente três publicações acerca desta temática na infância, e que até onde se tem conhecimento, não existem estudos sobre a validade de instrumentos brasileiros para aplicação por TeleNP.

O objetivo da presente matéria foi realizar uma breve revisão sobre a TeleNP. Em vista da pandemia do COVID-19 e das práticas de distanciamento social, as avaliações e atendimentos na modalidade online ganharam muita força. Estudos apontam a crescente demanda de prestação de serviços prestados remotamente devido à atual questão de saúde pública vigente. Até o presente momento, não foram encontrados estudos à nível nacional que tenham investigado sobre a TeleNP nas diferentes faixas etárias. Com isso, é possível perceber que a prática da TeleNP, principalmente no contexto brasileiro é algo muito inovador e promissor. Contudo, observa-se a necessidade de diretrizes, modelos de atendimento e evidências psicométricas voltadas para a prática da TeleNP no Brasil.

Referências

Adjorlolo, S. (2015). Can teleneuropsychology help meet the neuropsychological needs of Western Africans? The case of Ghana. *Applied Neuropsychology: Adult*, 22(5), 388-398.

American Psychological Association. (2013). Guidelines for the practice of telepsychology. *The American Psychologist*, 68, 791-800.

Barton C, Morris R, Rothlind J, Yaffe K. Video-telemedicine in a memory disorders clinic: Evaluation and management of rural elders with cognitive impairment. *Telemedicine and e-Health*. 2011;17(10):789-793

Brearily, T. W., Shura, R. D., Martindale, S. L., Lazowski, R. A., Luxton, D. D., Shenal, B. V., & Rowland, J. A. (2017). Neuropsychological test administration by videoconference: A systematic review and meta-analysis. *Neuropsychology Review*, 27(2), 174-186. <https://doi.org/10.1007/s11065-017-9349-1>

Cullum CM, Weiner MF, Gehrman HR, Hynan LS. Feasibility of telecognitive assessment in dementia. *Assessment*. 2006;13(4):385–390.

Grosch MC, Gottlieb MC, Cullum CM. Initial practice recommendations for teleneuropsychology. *The Clinical Neuropsychologist*. 2011;25(7):1119–1133.

Harrell KM, Wilkins SS, Connor MK, Chodosh J. Telemedicine and the evaluation of cognitive impairment: The additive value of neuropsychological assessment. *Journal of the American Medical Directors Association*. 2014;15:600–606

Hilty DM, Nesbitt TS, Kunne CA, Crus GM, Hales RE. Rural versus suburban primary care needs, utilization, and satisfaction with telepsychiatric consultation. *Journal of Rural Health*. 2007;23(2):163–165.

Loman, M., Vogt, E., Miller, L., Landsman, R., Duong, P., Kasten, J., DeFrancisco, D., Koop, J., & Heffelfinger, A., (2020). "How to" operate a pediatric neuropsychology practice during the COVID-19 pandemic: Real tips from one practice's experience, *Child Neuropsychology*, DOI: 10.1080/09297049.2020.1830962

Marra, D. E., Hamlet, M. K., Bauer, M. R., & Bowers, D., (2020) Validity of teleneuropsychology for older adults in response to COVID-19: A systematic and critical review, *The Clinical Neuropsychologist*, 34:7-8, 1411-1452, DOI: 10.1080/13854046.2020.1769192

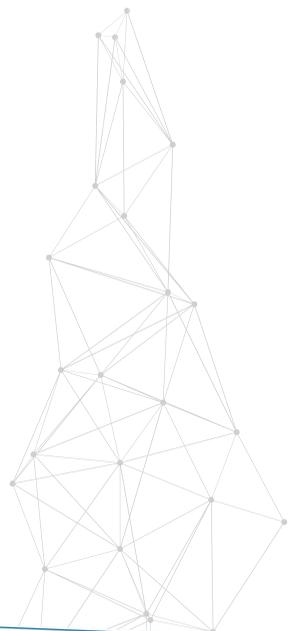
Munro Cullum, C., Hynan, L. S., Grosch, M., Parikh, M., & Weiner, M. F. (2014). Teleneuropsychology: evidence for video teleconference-based neuropsychological assessment. *Journal of the International Neuropsychological Society : JINS*, 20(10), 1028–1033. <https://doi.org/10.1017/S1355617714000873>

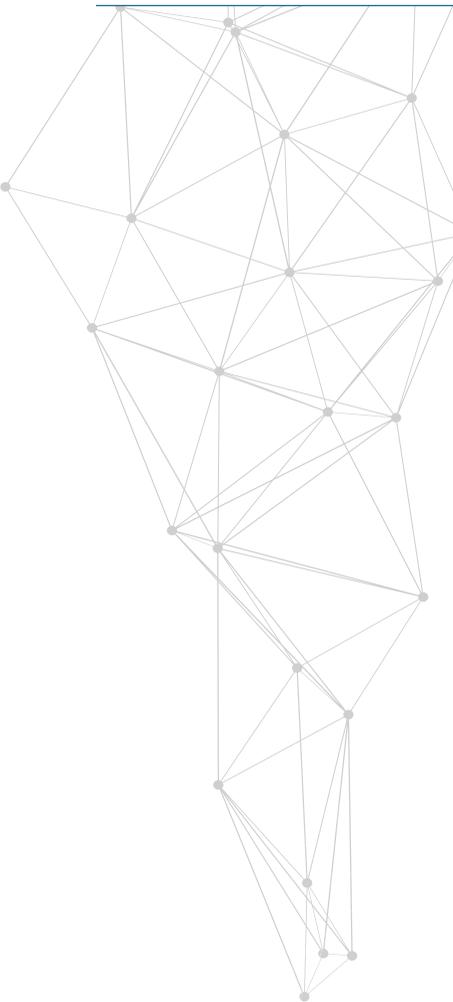
Myers K, Turvey C, editors. *Telemental health: Clinical, technical and administrative foundations for evidence-based practice*. Amsterdam: Elsevier; 2012.

Parikh M, Grosch MC, Graham LL, Hynan LS, Weiner MF, Cullum CM. Consumer acceptability of brief videoconference-based neuropsychological assessment in older individuals with and without cognitive impairment. *The Clinical Neuropsychologist*. 2013;27:808–817.

Shore JH. Telepsychiatry: Videoconferencing in the delivery of psychiatric care. *American Journal of Psychiatry*. 2013;170:256–262

Shores MM, Ryan-Dykes P, Williams RM, Mamerto B, Sadak T, Pascualy M, Peskind ER. Identifying undiagnosed dementia in residential care veterans: Comparing telemedicine to in-person clinical examination. *International Journal of Geriatric Psychiatry*. 2004;19(2):101–108





Smith D. (2017) Teleneuropsychology. In: Kreutzer J., DeLuca J., Caplan B. (eds) Encyclopedia of Clinical Neuropsychology. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-56782-2_9038-1

Wadsworth, H. E., Dhima, K., Womack, K. B., Hart, J., Jr., Weiner, M. F., Hynan, L. S., & Cullum, C. M. (2018). Validity of Teleneuropsychological Assessment in Older Patients with Cognitive Disorders. *Archives of Clinical Neuropsychology*, 33(8), 1040–1045. <https://doi.org/10.1093/arclin/acx140>

Wadsworth, H. E., Galusha-Glasscock, J. M., Womack, K. B., Quiceno, M., Weiner, M. F., Hynan, L. S., Shore, J., & Cullum, C. M. (2016). Remote neuropsychological assessment in rural American Indians with and without cognitive impairment. *Archives of Clinical Neuropsychology*, 31(5), 420–425. <https://doi.org/10.1093/arclin/acw030>

REVISÃO ATUAL

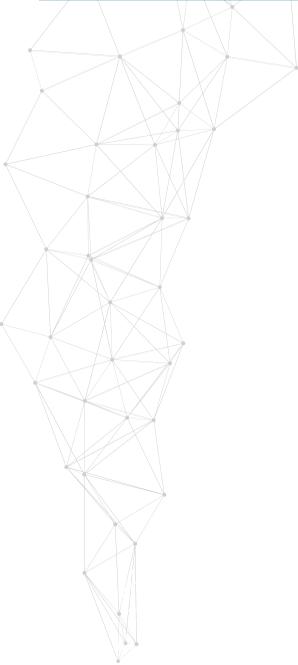
Teleneuropsicologia e COVID-19

Elissandra Abreu

A teleneuropsicologia (TN) é definida como a aplicação de recursos tecnológicos audiovisuais que permitem que os clínicos realizem sessões de avaliação neuropsicológica de forma remota (Bilder et. al, 2020). Com a situação pandêmica atual, devido ao SARS-CoV-2, foi necessário que pesquisas e atendimentos que antes eram realizados presencialmente fossem adaptados para o contexto virtual. Isso não quer dizer que esse tipo de atendimento não ocorria anteriormente, mas as evidências de equivalência de medidas cognitivas e interacionais on-line são limitadas, principalmente para a população infantil, assim, o processo de adaptação de materiais e práticas para ambientes virtuais foi acelerado pela pandemia (Bilder et. al, 2020).

Nesse sentido, organizações, pesquisadores e clínicos começaram a criar protocolos e/ou comitês para auxiliar aqueles que ainda não estavam familiarizados com a TN. Por exemplo, um grupo de especialistas em neuropsicologia formou um Comitê de Prática Interorganizacional para oferecer orientações sobre TN em resposta a pandemia do COVID-19 (Bilder et. al, 2020).

Segundo Bilder e colaboradores (2020), muitas orientações desse grupo, extrapolam as evidências científicas atuais da prática em TN, sendo justificadas em algumas circunstâncias, mas sempre seguindo regras e regulamentos profissionais. Ressaltam que muitas vezes à TN, não é viável, devido à complexidade do caso, características do paciente ou ambientais. Por exemplo, idosos podem não ter familiaridade com ambientes virtuais, crianças e adolescentes podem distrair-se com vá-



rios aplicativos simultâneos, pessoas com menor nível socioeconômico podem não ter acesso a equipamentos de qualidade ou a internet de alta velocidade, pacientes com baixa escolaridade podem ter dificuldade em entender como utilizar os equipamentos. Além disso, alguns comprometimentos físicos ou psiquiátricos impedem a aplicação total da TN, como atraso severo no neurodesenvolvimento ou desregulação comportamental de difícil manejo.

Todavia, outros componentes da avaliação, além de testes de desempenho (que podem ter sua aplicação inviabilizada) podem ser utilizados, como a observação, entrevistas e revisão de laudos anteriores. Assim, os clínicos podem fazer recomendações preliminares para reduzir o sofrimento do paciente e seus cuidadores (Bilder et. al, 2020).

Sendo assim, alguns estudos já vêm reportando resultados da aplicação da TN após o início da pandemia. A exemplo, uma pesquisa em grande escala com pacientes epiléticos com 18 a 60 anos idade adaptou suas avaliações presenciais para TN, realizando tarefas verbais e visuais por videoconferência, testes informatizados, substituição de provas orais por escritas e questionários on-line. Dos testes administrados por TN, somente 1,9% foram invalidados por questões técnicas. Além disso, não houve efeito significativo do método de administração sobre os escores dos testes cognitivos, confirmando padrões típicos de déficits executivos relacionados à epilepsia (Tailby et. al, 2020).

Outro estudo realizado em duas instituições de tratamento com pacientes oncológicos que realizam avaliações neuropsicológicas, migrou seus atendimentos para TN. Sendo assim, verificou que 98% dos pacientes ficaram satisfeitos com a TN, 9% relataram dificuldades durante a consulta e 89% recomendariam a TN a outros pacientes. Ademais, 7% dos clínicos informaram problemas na conexão com o site de telemedicina e 12% interrupções ambientais. Assim, foi demonstrado que tanto pacientes e clínicos reconhecem benefícios e limitações nesse tipo de prática (Gardner, Aslanzadeh, Zarrella, Braun, Loughan, & Parsons, 2020).

Além disso, dois estudos relataram a implementação de um modelo de telessaúde em três camadas para atendimento de pacientes pediátricos de oito clínicas especializadas na realização de avaliação neuropsicológica (Peterson, Ludwig, & Jashar, 2020; Pritchard, Sweene, Salorio, & Jacobson, 2020). Na primeira camada são realizadas entrevistas (pais, paciente), exame neurocomportamental, e revisão de registros

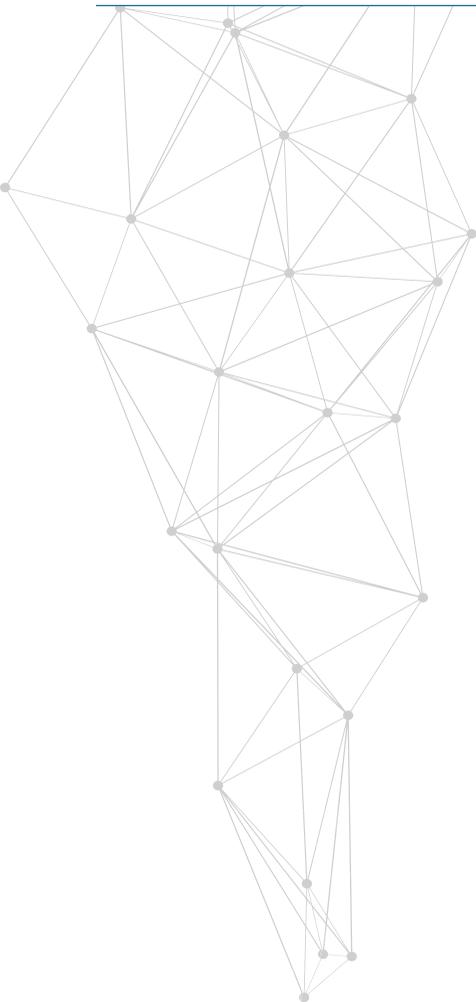
médicos e escolares. Nesse nível são atendidos pacientes com apresentações menos complexas (por exemplo, segunda opinião de diagnóstico de TDAH), pacientes com apresentações mais complexas, nos quais alguns componentes cognitivos já foram avaliados e já estão sendo tratados, pacientes com muitos registros e avaliações prévias para revisão e pacientes psiquiátricos que podem ser avaliados por meio de uma entrevista estruturada ou semiestruturada. Na segunda camada, também são realizadas entrevistas e revisão de registros, porém, adicionalmente, são aplicados testes por videoconferência. Os serviços deste nível são recomendados para as reavaliações, avaliação da resposta a intervenções ou tratamento médico e alguns diagnósticos diferenciais específicos ou perguntas sobre funções cognitivas. Por fim, na terceira camada são realizadas as entrevistas, revisados os registros prévios de forma virtual e os testes são aplicados presencialmente, sendo recomendada em casos com apresentações neurocognitivas, emocionais e comportamentais muito complexas.

Como visto, até o momento, há esforços da comunidade científica para verificar os benefícios e possíveis prejuízos das avaliações neuropsicológicas por TN. Algumas recomendações de organizações e pesquisadores ainda são baseadas em suas experiências, extrapolando as evidências científicas atuais, apenas sendo justificadas em casos específicos, mas sempre respeitando o código de ética profissional e leis vigentes. Nesse sentido, se faz necessário que mais estudos sejam realizados com diferentes populações e testes padronizados sejam adaptados e normatizados para o contexto virtual. Além disso, é importante que os avaliadores estejam em constante atualização de conhecimento em TN, visando sempre trazer benefícios a seus pacientes e evitando os danos de uma avaliação imprecisa.

Referências

Bilder, R. M., Postal, K. S., Barisa, M., Aase, D. M., Cullum, C. M., Gillaspay, S. R., ... & Woodhouse, J. (2020). InterOrganizational practice committee recommendations/guidance for teleneuropsychology (TeleNP) in response to the COVID-19 pandemic. *The Clinical*, 34(7-8), 1314-1334.

Gardner, M., Aslanzadeh, F., Zarrella, G., Braun, S., Loughan, A., & Parsons, M. (2020). COVID-19. Cognition, Cancer, and COVID: Delivering direct-to-home



tele-neuropsychology services to neuro-oncology patients. *Neuro-Oncology*, 22.

Peterson, R. K., Ludwig, N. N., & Jashar, D. T. (2020). A case series illustrating the implementation of a novel tele-neuropsychology service model during COVID-19 for children with complex medical and neurodevelopmental conditions: A companion to Pritchard et al., 2020. *The Clinical Neuropsychologist*, 1-16.

Pritchard, A. E., Sweeney, K., Salorio, C. F., & Jacobson, L. A. (2020). Pediatric neuropsychological evaluation via telehealth: Novel models of care. *The Clinical Neuropsychologist*, 34(7-8), 1367-1379.

Tailby, C., Collins, A. J., Vaughan, D. N., Abbott, D. F., O'Shea, M., Helmstaedter, C., & Jackson, G. D. (2020). Teleneuropsychology in the time of COVID-19: The experience of The Australian Epilepsy Project

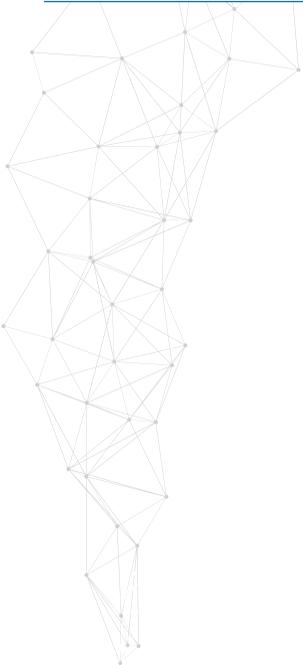
RELATO DE PESQUISA

Um modelo de teleatendimento em grupo e os desafios da avaliação clínica

Luana Teixeira e Myrian Machado de Paula Silveira

A teleneuropsicologia (TN) é definida como a aplicação de recurA pandemia iniciada em 2019 devido ao avanço de infecção pelo coronavírus, repercutiu na adaptação da rotina para o meio virtual. Os atendimentos psicológicos nas clínicas e nos sistemas públicos de saúde não foi diferente: um grande número de profissionais migraram para o atendimento online junto com seus pacientes. Mesmo com o aumento do uso das redes sociais para oferecer serviços psicológicos, essa modalidade de terapia já vem sendo estudada desde o surgimento dos primeiros meios de comunicação, trazendo diversos desafios para a prática clínica e também à pesquisa. Em 2015, o Conselho Federal de Psicologia regulamentou a prática online e em 2018 flexibilizou o cadastro dos psicólogos que realizam atendimento online para um único sistema (Resolução CFP N.º 11/2012) (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2018).

Por um bom tempo, influenciado por abordagens mais tradicionais da psicologia, o teleatendimento foi considerado pouco eficaz pelo senso comum, uma vez que dificultava a construção da relação terapêutica. No entanto, pesquisas acumularam evidências sobre visões e opiniões positivas dos profissionais sobre o atendimento online. Um estudo coletou a experiência diária de 145 terapeutas norte-americanos e europeus durante a transição para o atendimento online durante a pandemia. Foi identificado em todos os participantes, atitudes positivas em



relação à psicoterapia online. Além disso, os resultados mostram que as atitudes e adaptações variam de acordo com a modalidade terapêutica, experiência clínica, experiência prévia com o setting online e a região de residência (Békés & Aafjes-van Doorn, 2020).

Outra pesquisa brasileira avaliou as percepções de 50 psicólogos com experiência prévia em atendimento online. Os autores mostraram que os a maior parte dos profissionais assumiram uma perspectiva positiva do atendimento online, defendendo a possibilidade da criação de um vínculo terapêutico satisfatório com o paciente. Os participantes identificaram diversas vantagens do atendimento online, como a praticidade e economia de tempo. Ademais, foi levantado como principal desafio os problemas com a conexão (Valgas, 2020).

O contexto de pandemia e as pesquisas de opiniões nos mostram que a terapia online está ganhando cada vez mais espaço na prática psicológica (Viana, 2020). Por isso fica evidente a necessidade de pesquisas experimentais que avaliem a eficácia dessa modalidade terapêutica. Barrett & Stewart, 2021, por exemplo, investigaram a eficácia de dois tipos de terapia (Aceitação e Compromisso e Terapia Cognitivo Comportamental) realizada individualmente com profissionais de saúde com duração de 2 semanas em um setting virtual. Os resultados demonstraram melhora significativa nos índices de estresse e saúde mental dos participantes que frequentaram os dois tipos de intervenção. Resultados demonstram eficácia positiva para terapias online realizadas com os pais e famílias (Cox et al., 2010; Khanna et al., 2017; Irvine et al, 2015; Meaden et al., 2015; Palermo et al., 2016). Khanna et al (2017) encontrou eficácia de um programa de treinamento de pais online (formado por 10 passos baseado na terapia cognitiva comportamental (Child Anxiety Tales (CAT)) para redução dos sintomas de ansiedade em crianças de 07 a 14 anos.

Grande parte das intervenções online com pais e familiares relatadas na literatura são assíncronas e individuais. No entanto, na modalidade presencial é comum a aplicação de programas de intervenção em grupos para esse público. As pesquisas com intervenções em grupos virtuais são escassas na literatura internacional e brasileira. Weinberg (2020), defende a necessidade de pesquisas que avaliem as especificidades da terapia em grupo online comparadas com a modalidade presencial. A melhor compreensão dos fatores envolvidos na eficácia possibilita a criação de programas online que ajudam no estabelecimento da coesão

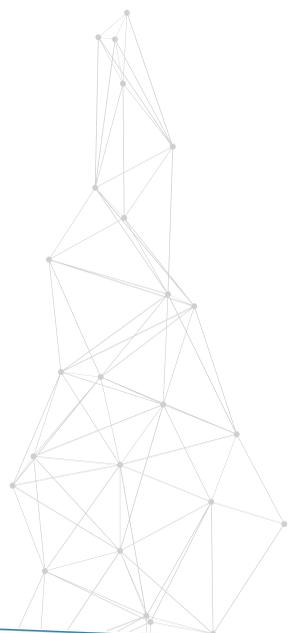
grupal e o relacionamento entre os participantes dos grupos.

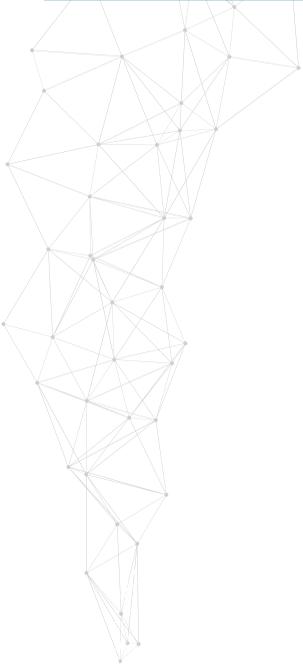
Diante destes achados, o laboratório de neuropsicologia do desenvolvimento com apoio do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-Comportamental - LaPICC-USP desenvolveu um projeto visando a criação e a avaliação de eficácia de um protocolo de orientação parental voltado para as atividades escolares. O projeto intitulado "Desenvolvimento e estudo da viabilidade do "Web Pais": Orientação parental das atividades escolares em casa em tempos de pandemia." é coordenado pela aluna de mestrado Myrian Silveira sob orientação do professor Dr. Vitor Geraldi Haase (LND-UFMG) e co-orientação da Professora Dra Carmem Beatriz Neufeld (LAPICC-USP). A construção do programa se deu a partir do levantamento na literatura de programas de orientação de pais com eficácia comprovada.

Os modelos de Barkley (2002) e Kazdin (2005) voltados para comportamentos de TDAH e disruptivos foram utilizados para a estruturação básica das sessões e às estratégias comportamentais. Modelos de estratégias para supervisão parental na tarefa de casa foram retirados do americano Homework for success for children with ADHD (Power et al, 2001). Por fim, os encontros sobre psicoeducação, emoção e cognição foram construídos com base nos programas nacionais PRO-PAIS (Neufeld, 2018) e Promove-pais (Bolsoni-Silva, 2012) (treino de habilidades educativas parentais ref). Após a pesquisa bibliográfica sobre o assunto, o programa foi montado e adaptado para a modalidade virtual.

O programa foi nomeado WEB PAIS e foi estruturado de forma a seguir a lógica de um tratamento modular, ou seja, cada encontro teria um tema específico e interligados, respeitando uma hierarquia (iniciando pela psicoeducação dos principais conceitos (análise funcional, cognição, emoção e comportamento), sendo finalizado com práticas comportamentais. Os temas foram organizados em 06 sessões realizadas de forma síncrona e em grupo, a partir da interação virtual entre os participantes e dois terapeutas. Os encontros de uma hora e meia aconteceriam duas vezes por semana, durante 03 semanas, com um total de 08 pessoas por grupo. Além disso, os participantes seriam divididos em grupos dependendo da idade dos filhos (06-08;09-11;12-14 anos).

Dessa forma, o principal objetivo do WEB PAIS é fornecer ferramentas e conhecimento para os pais melhorarem na supervisão das atividades escolares em casa. A especificidade desse objetivo nos trouxe o desafio de encontrar medidas e instrumentos para avaliar os efeitos desta





variável. Para isso, um questionário com perguntas sobre o envolvimento parental investigando qualidade, frequência e tipo de envolvimento com a tarefa de casa foi desenvolvido a partir de uma revisão da literatura. Um outro questionário sobre o envolvimento parental utilizado em outro trabalho também foi utilizado (havia sido traduzido).

Além das variáveis de foco de mudança, foram incluídos um questionário de saúde mental dos pais (tanto para os critérios de exclusão), um questionário avaliando comportamento das crianças e o inventário de estilos parentais. A adição dos instrumentos secundários se justifica uma vez que efeitos comportamentais nas crianças e na saúde mental dos pais foram encontrados em grande parte das terapias de orientação parental (REF). Um dos grandes desafios para a investigação da eficácia é que os questionários auto-aplicáveis de forma online são mais propensos a enviesamentos e deselegibilidade social, somado ainda que os participantes respondem o questionário online. No entanto, como em qualquer processo de avaliação, é necessário a obtenção de informações de outras formas. A proposta utilizada foi avaliar os resultados clínicos observados pelos terapeutas a partir do relato de sessão e o uso de um questionário de satisfação do consumidor, no qual os participantes podem escrever sobre sua experiência ao participar do programa.

Relato de Experiência

O primeiro grupo piloto de intervenção WEB PAIS iniciou a primeira sessão com 08 pais (06 mães e 02 pais) de crianças entre 06 a 09 anos. Na proposta inicial, seriam discutidos os fatores desenvolvimentais das crianças e as expectativas dos pais sobre o desempenho escolar. No entanto, viu-se a necessidade de os participantes terem espaço para falar sobre as demandas e aflições. Isso nos trouxe informações relevantes que não tínhamos conseguido coletar apenas com os questionários e perguntas no pré-teste. As descrições das atividades diárias deste primeiro grupo pôde ser dividida em duas categorias principais de demandas: preocupação em relação à alfabetização dos filhos em um contexto de pandemia e a rotina da escola dentro de casa. A grande maioria dos participantes acompanhavam de perto as aulas e isso consumia muito tempo da família, prejudicando a hora do lazer e das brincadeiras.

Por fim, esse levantamento inicial foi importante não apenas para o pro-

cesso de interpretação clínica, mas também para coesão do grupo. A sessão 02 foi dedicada para discussão sobre estilos parentais e análise funcional. A sessão 03 foram abordados dificuldades na rotina e maior flexibilização do horário das atividades escolares, na quarta sessão foi discutida os tipos de envolvimento dos pais nas atividades escolares e o equilíbrio das expectativas dos pais com o desempenho. Por fim, a 5ª e a 6ª sessões foram abordados os pilares e pressupostos da terapia cognitiva comportamental, psico educando os pais de como os pensamentos, emoções e comportamentos se associam e explicam muitas práticas que utilizam com os filhos.

Os resultados do questionário de satisfação do consumidor e os relatos dos pais obtidos durante a intervenção demonstraram resultados positivos para mudanças na relação pais e filhos. Dessa forma, o processo de avaliação em um contexto clínico envolve além dos resultados quantitativos dos questionários, mas também o relato de experiência e a avaliação constante durante todo o processo de intervenção. O raciocínio clínico de avaliação deve ser usado não apenas em um contexto de pesquisa, mas também nos consultórios e serviços públicos, porque é dessa forma que conseguimos monitorar os progressos e dificuldades terapêuticas (Murphy et al, 2020; Marasca et al, 2020).

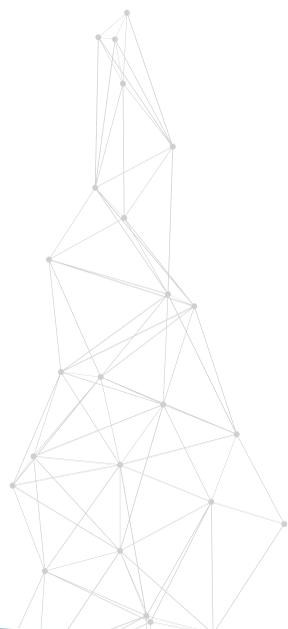
Referências

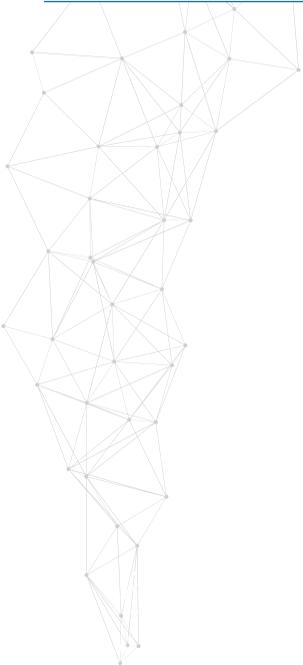
Barkley, R A. (2002). Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): Guia completo para pais e profissionais de saúde. Artmed.

Barrett, K., & Stewart, I. (2021). A preliminary comparison of the efficacy of online Acceptance and Commitment Therapy (ACT) and Cognitive Behavioural Therapy (CBT) stress management interventions for social and healthcare workers. *Health & Social Care in the Community*, 29(1), 113-126. <https://doi.org/10.1111/hsc.13074>

Békés, V., & Aafjes-van Doorn, K. (2020). Psychotherapists' attitudes toward online therapy during the COVID-19 pandemic. *Journal of Psychotherapy Integration*, 30(2), 238. <https://doi.org/10.1037/int0000214>

Bolsoni-Silva, A. T., & Borelli, L. M. (2012). Treinamento de habilidades sociais educativas parentais: Comparação de procedimentos a partir do tempo de intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 36-58. Retrieved from: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844637003.pdf>





Carvalho, L. (2020). As práticas de atendimento psicológico prestados por meio de tecnologias de informação e comunicação durante a pandemia da covid-19 no Brasil. *Psicologia-Florianópolis*. Retrieved from: <https://riuni.unisul.br/handle/12345/11280>

Conselho Federal de Psicologia. Resolução CRP n.11, de 11 de maio de 2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>

Cox, C. M., Kenardy, J. A., & Hendrikz, J. K. (2009). A randomized controlled trial of a web-based early intervention for children and their parents following unintentional injury. *Journal of pediatric psychology*, 35(6), 581-592. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsp095>

Irvine, A. B., Gelatt, V. A., Hammond, M., & Seeley, J. R. (2015). A randomized study of internet parent training accessed from community technology centers. *Prevention Science*, 16(4), 597-608. <https://doi.org/10.1007/s11212-014-0521-z>

Kazdin, A. E. (2005). *Parent management training: Treatment for oppositional, aggressive, and antisocial behavior in children and adolescents*. Oxford University Press

Khanna, M. S., Carper, M. M., Harris, M. S., & Kendall, P. C. (2017). Web-based parent-training for parents of youth with impairment from anxiety. *Evidence-based practice in child and adolescent mental health*, 2(1), 43-53. <https://doi.org/10.1080/23794925.2017.1283548>

Marasca, A. R., Yates, D. B., Schneider, A. M. D. A., Feijó, L. P., & Bandeira, D. R. (2020). Avaliação psicológica online: considerações a partir da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) para a prática e o ensino no contexto a distância. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200085>

Meadan, H., & Daczewitz, M. E. (2015). Internet-based intervention training for parents of young children with disabilities: A promising service-delivery model. *Early child development and care*, 185(1), 155-169. <https://doi.org/10.1080/03004430.2014.908866>

Murphy, R., Calugi, S., Cooper, Z., & Dalle Grave, R. (2020). Challenges and opportunities for enhanced cognitive behaviour therapy (CBT-E) in light of COVID-19. *The Cognitive Behaviour Therapist*, 13. doi: 10.1017 /

S1754470X20000161

Neufeld, C. B., Godoi, K., Rebessi, I. P., Maehara, N. P. & Mendes, A. I. F. (2018). Programa de orientação de pais em grupo: Um estudo exploratório na abordagem cognitivo-comportamental. *Psicologia e Pesquisa*, 12(3), 1-11. <https://doi.org/10.24879/2018001200300500>

Palermo, T. M., Law, E. F., Fales, J., Bromberg, M. H., Jessen-Fiddick, T., & Tai, G. (2016). Internet-delivered cognitive-behavioral treatment for adolescents with chronic pain and their parents: A randomized controlled multicenter trial. *Pain*, 157(1), 174. <https://doi.org/10.1097/j.pain.0000000000000348>

Power, T. J., Karustis, J. L., & Habboushe, D. F. (2001). *Homework success for children with ADHD: A family-school intervention program*. Guilford Press.

Valgas, D. M. (2020). Percepção dos profissionais de psicologia acerca do atendimento psicológico on-line. *Psicologia-Tubarão*. Retrieved from: <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/11267>

Viana, D. M. (2020). Atendimento psicológico online no contexto da pandemia de Covid-19. *Cadernos ESP-Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará*, 14(1), 74-79. Retrieved from: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/399/215>

Weinberg, H. (2020). Online group psychotherapy: Challenges and possibilities during COVID-19—A practice review. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 24(3), 201. <https://doi.org/10.1037/gdn0000140>



ENTREVISTA

Avanços da neuropsicologia digital na saúde pública

Érika Pelegrino

Entrevistado: Elton Hiroshi Matsushim

Bacharelado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1999), Psicólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000) e Doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2003). Atualmente é professor associado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), coordenando o Laboratório de Estudos do Comportamento Humano e Animal (LECHA) e o Serviço de Avaliação Neuropsicológica (SeANp) no Hospital Universitário Antônio Pedro (UFF), supervisionando estágio supervisionado na área, e Vice-Diretor do Instituto de Psicologia. Linhas de pesquisa enfocando investigações em processos perceptuais e motores, com enfoque na percepção visual do espaço, assim como dos fundamentos de medida em psicologia, psicometria, e avaliação psicológica. O SeANp é um projeto de extensão e campo de estágio supervisionado de avaliação e intervenção neuropsicológica que atende pacientes do HUAP-UFF e do Serviço de Psicologia Aplicada-UFF/Niterói, de todas as faixas etárias e demandas de atendimento.

Os modelos remotos de reabilitação e estimulação cognitiva antes da pandemia já mostravam resultados satisfatórios? O impedimento das atividades presenciais, nesse sentido poderão nos dar mais dados sobre isso?

Há uma série de pesquisas em andamento, realizadas em diversas partes do mundo. A maioria delas ainda são preliminares, com grupos amostrais pequenos e circunscritos, com delineamentos imperfeitos (não que isso seja uma crítica apenas, mas são os delineamentos experimentais possíveis dentro das condições dos diversos grupos de pesquisa). Aqui no Brasil, poucas pesquisas têm sido realizadas nes-

te tema, e devem ser impulsionadas pelas medidas de distanciamento social. Nosso serviço está, inclusive, iniciando atendimentos remotos de estimulação cognitiva e psicoeducação para pacientes de diversas condições neuropsicológicas e do neurodesenvolvimento.

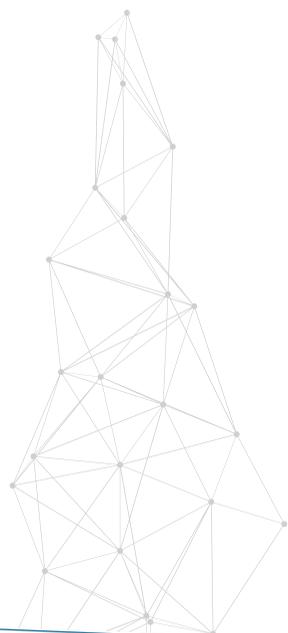
Inicialmente, no começo de 2020 e no primeiro semestre de aulas remotas, suspendemos o estágio supervisionado. Por vários motivos, desde a ausência de estudo nosso sobre como realizar adequadamente este tipo de atendimento, até questões de princípios pedagógicos com relação à formação dos alunos. Passamos o primeiro período de 2020 (que ocorreu só no segundo semestre de 2020) estudando formas para viabilizar um estágio supervisionado com qualidade no atendimento e na formação. Agora iremos priorizar que os alunos tenham a experiência de desenvolver a aliança terapêutica através de meios de comunicação virtuais, a realização de entrevistas psicológicas, a definição de programas de estimulação cognitiva e de psicoeducação visando aumentar a qualidade de vida de pacientes e cuidadores, e a acompanhar avaliando continuamente o desenvolvimento e/ou recuperação de funções neuropsicológicas através de meios remotos.

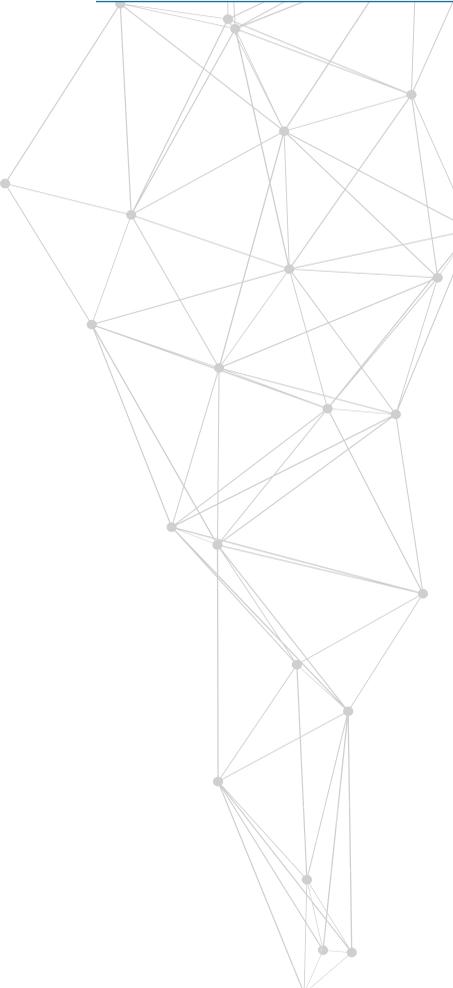
Qual sua orientação prática para o profissional do mercado de trabalho que precisa se atualizar em relação ao trabalho remoto?

Este profissional deve estudar muito as alternativas já disponíveis e os estudos realizados e em andamento. Deve se atualizar da literatura científica que está sendo produzida sobre o tema. Além disso, deve ter em mente que o presente momento não é de manutenção do mesmo tipo de atendimento. Estamos no meio da maior pandemia da história da humanidade, algo sem precedentes. Sempre haverá perdas e mudanças substanciais. Não dá pra pensar que poderemos fazer a mesma coisa, ter os mesmos objetivos terapêuticos nas condições atuais. Deve-se priorizar a criação de rotinas cotidianas, de habilidades psicológicas relacionadas à resiliência, ao controle emocional, à manutenção do convívio familiar em harmonia, tudo isso voltado para a manutenção da saúde mental e da motivação para sobreviver a estes tempos incertos.

O Serviço de Avaliação Neuropsicológica da UFF pretende manter atendimentos e reabilitação online num período pós pandemia?

Não temos isso definido. Mas tenho lido muitos estudos que demons-





tram a vantagem de atendimentos híbridos (presencial e virtual) para os resultados clínicos. Portanto, iremos usar esta experiência para avaliar se e como faremos estes atendimentos híbridos no futuro.



SBNp

Sociedade Brasileira de
Neuropsicologia